

Jorge Luiz de Goes Pereira

*Entre campo e cidade:
amizade e ruralidade segundo jovens de Nova Friburgo¹*

Introdução

Este artigo analisa as práticas e representações dos jovens rurais em torno da questão da amizade, o que ela representa em cada localidade para os diferentes grupos de jovens entrevistados. Por meio de questionários, entrevistas e observações realizadas entre 1999 e 2003 com 132 jovens (84 de São Pedro da Serra e 46 de Baixada de Salinas), procuro descrever a relação entre campo e cidade que vem se desenvolvendo nessas duas localidades de Nova Friburgo a partir das atividades econômicas e dos espaços de lazer.

São Pedro da Serra e Baixada de Salinas estão distantes de uma visão que associa o rural ao isolamento, ao arcaico e ao tradicional. Sua capacidade de atrair os moradores da cidade em busca de tranqüilida-

Jorge Luiz de Goes Pereira é professor do mestrado do Centro Universitário de Caratinga/MG. (jolugope@uol.com.br)

¹ Este artigo é parte da minha tese de doutorado que discute as experiências dos jovens rurais acerca da fluidez das fronteiras físicas e simbólicas entre campo e cidade de duas localidades rurais de Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro: São Pedro da Serra e Baixada de Salinas.

de, descanso e contato com a natureza parece demonstrar a complexidade da relação campo e cidade que tem favorecido novas formas de “rural” e “urbano”: a cidade está no campo, assim como constantemente os moradores do campo vão para a cidade se divertir, resolver problemas, trabalhar e estudar.

Assim, diferentemente das gerações passadas, que construíram suas experiências num espaço social mais restrito, as gerações atuais estão cada vez mais inseridas num campo muito mais amplo de relações sociais e culturais que possibilitam um repensar sobre suas identidades e suas realizações pessoais. Como enfatiza Velho (1987: 44), “...nas sociedades complexas modernas, a multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em xeque e sujeita a alterações drásticas. (...) O trânsito intenso e freqüente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores”. No caso dos jovens aqui analisados, novos desafios são colocados para aqueles que estão cada vez mais inseridos num mundo globalizado, onde suas experiências falam ao mesmo tempo de uma identidade local mas que recebem influências de lugares diferentes e distantes. O campo de possibilidade de realização de suas projeções quanto ao futuro, por exemplo, foi ampliado como resultado da complexificação das relações entre campo e cidade, assim como seus comportamentos passam a se aproximar dos jovens que eles consideram urbanos, tornando complexa a identificação desses sujeitos como jovens tradicionalmente “rurais”.

As mudanças que ocorreram em São Pedro com o aumento da presença de turistas, melhoria de acesso aos espaços urbanos e mudanças no mercado de trabalho vão, aos poucos, diminuindo a hierarquia familiar baseada no trabalho agrícola, ao mesmo tempo que ampliam os espaços de socialização. As atuais condições de trabalho e o acesso à educação e ao lazer fora da localidade também ampliam seus espaços de socialização. Esses fatores influenciam na hora de decidir o

que fazer no futuro: ficar ou sair da localidade? Se, para São Pedro, as oportunidades de trabalho, estudo e lazer estão imbricadas com o turismo e com a sede do município, em Baixada de Salinas, as oportunidades internas, como o espaço agrícola familiar, a educação técnica (Escola Família – Ibelga) e as relações sociais (religiosa, familiares, de parentesco e de amizade) também favorecem a permanência dos jovens na localidade. Nas duas localidades, independentemente do nível de contato entre campo e cidade, o lugar já não é o único espaço para onde os jovens dirigem sua atenção. O olhar para a sede do município ou outros espaços urbanos informa que, para muitos deles, o conhecimento adquirido no local pode servir como estratégia na busca de melhores oportunidades de trabalho e estudo.

Em cada localidade, as características ambientais e culturais aparecem revestidas de diferentes significados. Nelas encontramos práticas e representações que orientam o fazer social dos sujeitos. Em Baixada de Salinas, a localidade é o espaço da agricultura, da natureza, porque a paisagem das lavouras e a rotina do trabalho familiar, marcado pelo tempo de plantar e colher, servem de base para a construção da identidade social dos seus moradores. Em São Pedro da Serra, o sentido de localidade está revestido de relações com o meio ambiente, seja pelo turismo ou agricultura que são partes constituintes de um mesmo cenário.

Nesta relação com o meio ambiente encontramos a conjugação de diferentes tempos e espaços que torna complexa a existência de campo e cidade como espaços separados e dotados de especificidades, seja no nível simbólico ou nas práticas cotidianas. O que reafirma a idéia de que a sociedade brasileira possui uma relação muito singular com o seu ambiente, já que possui muitos espaços e muitas temporalidades que convivem simultaneamente (Da Matta, 1985). O significado de localidade, nesse caso, pode variar não somente no que diz respeito às relações econômicas e políticas que são desenvolvidas em determinadas localidades com o seu entorno, mas também em relação às interações culturais. As relações entre os jovens e deles com a

sede do município podem mostrar como as definições de campo e cidade, que aparecem no universo simbólico como dualidade, na prática estão constantemente sendo reelaboradas, demonstrando a complexidade das imagens que servem como referências para as pessoas definirem os espaços (campo e cidade), a natureza, o meio ambiente, entre outros.

Campo e cidade nas localidades observadas

As mudanças econômicas e socioculturais que vêm se operando nas localidades de São Pedro da Serra e Baixada de Salinas vão em diferentes sentidos e dão novos significados à idéia de localidade, já que muitos jovens estabelecem um convívio constante com espaços sociais fora dos limites físicos da localidade, principalmente no centro mais movimentado e desenvolvido do município. Desta forma, nas duas localidades, as atividades agrícolas, assim como os espaços de socialização, passaram a compartilhar espaço e tempo com outras atividades no interesse dos jovens. A família, os parentes, os vizinhos e os amigos locais já não são os únicos que influenciam no comportamento desses jovens. Ir para trabalhar ou estudar na cidade ou nos finais de semana para se divertir, os coloca lado a lado daqueles que moram distantes das suas famílias, parentes e vizinhos. Juntos, passeiam, “ficam”, namoram, freqüentam *shopping centers*, vão à praia, aos *shows*, ao cinema, entre outros.

Em São Pedro, esses tempos e espaços ainda estão imbricados como o tempo e o espaço do turismo vivido na própria localidade. A localidade é marcada pelo frio da serra, das férias escolares, das festas da localidade, dos feriados santos e profanos, pelo tempo de trabalho que as pessoas dedicam ao turismo e as confecções; a eles juntam-se as possibilidades de lazer que a localidade oferece aos turistas, como a localização das pousadas, dos restaurantes, das trilhas, o acesso às cachoeiras. Aqui, podemos dizer que, no que diz respeito às atividades econômicas, tempo e espaço estão relacionados ao turismo, disputando a atenção dos antigos moradores cujos tempo e espaço pertenciam à agricultura (tempo de plantar, colher, os espaços

tenciam à agricultura (tempo de plantar, colher, os espaços dedicados à agricultura, à comercialização etc.). No tocante à cultura, as antigas relações sociais entre os moradores – casamento, batismo, ajuda mútua, visitas entre parentes – agora se mesclam com a atenção dada aos turistas. Assim, os moradores convivem agora com diferentes tempos e espaços proporcionados pela relação entre agricultura, turismo e confecção, sendo esta relação a principal identidade da localidade.

Os espaços sociais agora incluem o “outro” que chega com o intuito de desfrutar do clima e do sossego da região, mas que, em muitos casos permanece. Diminui-se o espaço das florestas naturais e da agricultura diante da construção de casas para moradores da localidade ou aluguel para os turistas. O turismo exige pousada, aumenta o comércio e levanta sua bandeira ecológica, o que se torna contraditório diante das necessidades de sobrevivência dos moradores, principalmente dos pequenos e médios agricultores familiares.

Os turistas passam a ocupar com os moradores os lugares públicos, assim como os privados. Vão a festas, igrejas, cachoeiras. Dividem o espaço do terreno da casa alugada ou da atenção dos outros turistas e veranistas. Os antigos agricultores, por sua vez, passam a cuidar das casas de veraneio: cozinham, lavam, arrumam casas e cuidam dos jardins, redefinindo sua identidade rural. Os “estilos de vida” se comunicam nos diferentes espaços sociais. Nas ruas, movidas pelos encontros e desencontros de namoros, a cantoria dos bares e os desfiles dos modismos verificados nas roupas, nos carros e no comportamento dos jovens, diferentes juventudes se encontram.

Assim, a natureza e os comportamentos dos moradores se transformam diante das novas exigências impostas pelo turismo. Em São Pedro, o trabalho na agricultura se vê agora imbricado com o tempo de outras atividades. A pluriatividade de algumas famílias, como foi analisado por Carneiro (1997) nessa localidade, impõe a convivência com diferentes tempos e espaços econômicos. Contudo, se diferentes

tempos e espaços ligados à ordem econômica passam a competir na atenção dos moradores, eles não se limitam a esse aspecto.

As férias escolares são um bom exemplo para observarmos o comportamento dos jovens de fora e os da localidade. Nessas ocasiões o frio da serra é uma boa saída para as altas temperaturas na região litorânea. Enquanto os jovens turistas e veranistas passam o dia se divertindo, passeando pela localidade, ocupando bares e lanchonetes, muitos jovens moradores estão trabalhando de forma a obter algum lucro com esse movimento. Assim, diurnamente, o tempo e o espaço do lazer para o turista significam trabalho para muitos jovens que, nas férias escolares, vão para o comércio, fazem manutenção nas casas de veraneio e trabalham de ajudantes nas pousadas. Para aqueles que trabalham o ano todo e ainda estudam, a realidade é a mesma. No cair da noite, os espaços antes ocupados pelos turistas agora são divididos com os jovens moradores. Se, para muitos jovens, a rotina diurna os afasta dos de fora devido ao tempo do trabalho, a noite os aproxima, informando que tempo e espaço de lazer noturno fazem parte da identidade juvenil independentemente da origem.

Assim, o tempo e o espaço do turismo ou ecoturismo têm marcadamente identificado a região como turística, embora não seja essa a sua única vocação. Há ainda o tempo e o espaço da cidade que atrai os jovens em diferentes épocas do ano. Nas férias, há casos em que os jovens de São Pedro alugam casas de veraneio na região dos lagos, se transformando também em turistas, mas são poucos os que podem abrir mão do trabalho nas férias escolares. Em Baixada de Salinas, eles vão para casas de parentes na cidade.

Nessa interação, novas identidades são construídas. A ruralidade dos jovens de São Pedro da Serra está nessas relações de vários tempos e espaços, potencializados pelo turismo e pela aproximação da cidade: os que são filhos de agricultores desenvolvem outras atividades não agrícolas, ao mesmo tempo em que permanecem junto aos pais e amigos, compartilham com os jovens veranistas e turistas os mesmo espaços sociais. O mesmo pode-se dizer quando estão no centro do

município. Ali, constroem outras redes de sociabilidade, demonstrando a dificuldade em se identificar quem é do campo ou da cidade, pois se utilizam das mesmas estratégias de aproximação para namoros e amizades, assim como vestem as mesmas marcas de roupas, possuem o mesmo corte de cabelo e utilizam o mesmo vocabulário, mesmo que isso represente relações conflituosas com seus pais que vêem nessa aproximação um perigo para a moral local.

As representações que eles fazem dessas experiências informam os aspectos positivos e negativos vividos em ambos os espaços. Apesar dos diferentes graus de desenvolvimento do turismo nas localidades, como atividade econômica tem pouca importância no interesse dos jovens. Aparece como uma forma de remediar a falta de melhores oportunidades de trabalho. Os jovens de São Pedro demonstram não serem atraídos pelas atividades agrícolas. Para eles, o campo de possibilidades de projetos de vida na própria localidade é restrito, quando se olha para o futuro, isto é, se no momento, as atividades informais favorecem um ganho financeiro, e elas estão ligadas à construção civil e ao comércio, no planejamento do futuro, os jovens observam a possibilidade de exercerem outras atividades que, no momento, não existem na localidade, são as atividades urbano-industriais.

Assim, mesmo com a intensificação das relações entre diferentes tempos e espaços, a localidade é considerada por eles atrasada, desprovida de condições para que ali permaneçam. O olhar está dirigido para a cidade que lhes aponta uma saída para as baixas remunerações e a falta de trabalho no lugar onde moram, ao mesmo tempo que o não desenvolvimento dali é um indicativo dos benefícios de se manterem longe da violência e da poluição da cidade, próximos das suas famílias e amigos, uma imagem também fortalecida pelo turismo.

Por meio do contato com os turistas, o campo passa a estar ligado à idéia de natureza e do discurso que chega da cidade. Essas imagens, trazidas de fora, onde a natureza é o espaço ecológico, algo distante da agricultura convencional (uso de agrotóxico), articulam-se à busca

do homem moderno pelas formas de vida primitivas, algo que o insira de novo na natureza. São estas idéias, alimentadas pelos discursos dos órgãos de proteção ambiental que proíbem o desmatamento das encostas dos morros para o plantio ou ampliação da área agrícola, que têm marcado o olhar dos jovens sobre sua localidade. Eles declaram que agricultura é coisa do passado, assim como as condições verificadas hoje na assistência social: escola, creche e posto médico.

Desta forma, este desenvolvimento turístico na região difere do convencional por apresentar uma preocupação ambiental e resgatar o rural como um ambiente “natural”, com comunidades “tradicionais” e seus costumes e valores (Teixeira, 1998). Preocupações de preservação ambiental da área de São Pedro da Serra têm sido manifestadas pelo governo federal e há vários registros de conflitos entre os produtores rurais e o “pessoal do Ibama” e do Instituto Florestal no local.

Assim, o agricultor deve ser também um ecologista, já que sua relação de trabalho, sua vida, estão diretamente ligadas ao contato com plantas e animais. Por sua vez, o desenvolvimento do ecoturismo, pela imagem que separa campo e cidade e enaltece as formas simples da vida no campo, da vida nostálgica e ingênua, já que as pessoas se retiram da cidade para ir ao campo, faz com que os jovens reifiquem essas representações de espaços separados e o campo seja dotado de especialidades ora positivas, ora negativas. O turismo produzido pelo olhar da cidade, a preservação ambiental imposta pelos órgãos públicos, a idéia de campo e cidade transmitidos pela literatura e pela mídia são parte das representações sociais dos espaços feitas pelos jovens. Se a agricultura é vista como algo do passado, o turismo do presente não faz parte dos seus interesses quanto ao futuro. Muitos jovens de São Pedro trabalham nas atividades ligadas ao turismo e confecções porque, apesar dos baixos rendimentos, são as únicas oportunidades existentes. O interesse pelos cursos superiores fora do turismo vem reforçar a atração pelas atividades desenvolvidas na sede do município ou na cidade do Rio de Janeiro.

As poucas oportunidades de trabalho, a falta de infra-estrutura e a agricultura decadente fazem do campo um lugar com menores possibilidades de realização pessoal. Nesse caso, para os jovens, o rural é tido como atrasado, porque o ecológico tem por trás uma imagem nostálgica de se manter o lugar preso ao passado. Alguns deles dizem se tratar de uma localidade que está se “urbanizando”, pois a chegada da infra-estrutura que possibilite um maior acesso à cidade e o aparecimento de problemas vistos como urbanos, como a violência e a poluição, informam que o rural de hoje é somente a presença do verde no entorno, seja pela agricultura ou pela Mata Atlântica, mas não mais pelo comportamento das pessoas.

São os comportamentos então que se apresentam como os mais parecidos entre as imagens de campo e cidade, apesar da ênfase que dão a certos valores como a amizade e a solidariedade entre as famílias. Como os entrevistados relatam, para as gerações anteriores a distância e o isolamento, atrelados ao trabalho na agricultura, mostram que as pessoas do campo vivem mais em comunidade, as relações entre elas são mais intensas porque todos se ajudam, como no caso de nascimento, de alimentação ou de morte. No passado, as pessoas que moravam na região casavam entre si, freqüentavam juntas à igreja, enfim, o reconhecimento entre elas como parte da mesma realidade dava um certo sentido à idéia de localidade. Isso não quer dizer que não houvesse pessoas de fora circulando pela região, mas sua presença não as aproximava tanto da cidade como hoje. É a busca de uma vida nostálgica no campo pelos de fora ou a necessidade de trabalhar e estudar na cidade que intensifica a relação entre campo e cidade, ajudada pela melhoria das estradas e outros meios de comunicação.

O campo mudou, assim como mudaram as pessoas e suas relações, como a amizade trazida pelos de fora, que, diferentes das suas, são menos profundas, isto é, a relação com o outro passa agora pelo sentido de superficialidade, algo não verdadeiro, de laços frouxos. As imagens da amizade entre jovens do lugar e a sua visão sobre as for-

mas de amizades que se constroem na cidade são consideradas diferentes porque são produtos de um processo de alteridade e da busca pelo relacionamento verdadeiro, puro.

Os jovens afirmam (46,76%) que São Pedro, além de estar associado à idéia de natureza, também representa espaço de lazer, seja para o turista ou para os moradores. Para eles, há a necessidade de se melhorar a infra-estrutura, trazendo para o local bens que marcam a vida das grandes cidades. Para os jovens, é a chegada desses atributos que informa que a localidade em breve deixará de ser rural:

E - O que falta em São Pedro da Serra?

R - Um banco 24 horas, caixa eletrônico, posto de gasolina. São Pedro tá piorando em vez de melhorar (PS, rapaz, 16 anos).

R - Melhorar a estrada, colocar um policiamento melhor, o policiamento que tem em Lumiar de vez em quando vem pra cá (GOB, rapaz, 16 anos).

O crescimento populacional da localidade com o aumento do número de casas é apontado como um dos principais problemas enfrentados por todos. Para os comerciantes que vieram de fora, o desenvolvimento desorganizado pode prejudicar os negócios no local. Nesse caso, a idéia de preservação segue a lógica do capitalismo ecológico, que, segundo Moreira (1993), representa a incorporação dos constrangimentos ecológicos à lógica capitalista. Assim, a natureza não produzida pela mão humana transformou-se num bem material a ser explorado pelo discurso ecológico. São as imagens de uma natureza sem a interferência humana que alimentam os olhos do turista e dos comerciantes. Outros consideram a localidade como uma transição do rural para o urbano e afirmam que as transformações são inevitáveis e também ruins:

E - Você considera São Pedro da Serra uma localidade rural ou urbana?

R - Tá se transformando numa zona urbana já, numa cidade.

E - Por quê?

R - Quase não tem mais lavoura por aí. O comércio, a indústria tá crescendo bem. Tá virando uma sociedade já (GOB, rapaz, 16 anos).

E - O que você acha que falta em São Pedro?

R - Na realidade, eu acho que ainda falta muita coisa aqui. Falta uma organização melhor porque São Pedro da Serra está crescendo muito e, se deixar, vai acabar se tornando favela. Têm alguns lugares aqui que, se deixar, vai virar favela, muitos barracos. Acho que deveriam prestar atenção pra que isso não aconteça. Acho que falta um policiamento legal aqui em São Pedro. As pessoas vêm pra São Pedro da Serra o que pode acabar se tornando um lugar perigoso (CLAB, rapaz, 17 anos).

Isso torna a relação com o turismo ainda mais interessante, já que a lógica do turismo é a preservação da localidade como rural. Para os jovens também é importante manter o local como rural, mas que esse rural possa ter uma melhor infra-estrutura, pois, se por um lado as condições locais favorecem a vinda do turista em busca da vida rústica, do contato com a natureza, do silêncio, da tranqüilidade, por outro lado, representam também um empecilho para os moradores que não têm acesso ao tratamento de saúde, às escolas profissionalizantes, ao lazer, aos serviços bancários, ao comércio mais variado e de menor preço, além de se sentirem ameaçados pela violência que acreditam chegar da cidade. Isto é, manter São Pedro como um local rústico, isolado, agrícola, é coisa de turista. A localidade deve manter-se com a paz e a tranqüilidade que possui, mas não sem a infra-estrutura que possibilite melhores condições de vida para eles. Deve haver preocupação com a preservação ambiental, mas nem por isso eles devem ser alijados do direito de ter acesso aos bens públicos e de consumo.

Para os de fora, questões como o meio de transporte não representam um problema, já que a maioria que chega na localidade possui transporte particular, mas o mesmo não é observado em relação aos moradores locais que necessitam de transporte de massa para ir à cidade. Além disso, o turista não vive na localidade, apenas a visita, diferente dos moradores que se vêem diante das dificuldades de uma pequena localidade alimentada por sentimentos de nostalgia urbana.

Há, portanto, imagens de rural em conflito entre turistas e moradores movidas pelos diferentes interesses dos agentes sociais. As disputas

pela significação do rural são, simbolicamente, também disputas no sentido de impor o modelo de desenvolvimento ao lugar. Munidos de um discurso ambientalista, os turistas e veranistas apontam para a permanência das condições locais, ao passo que o sentido de desenvolvimento para os jovens da localidade está ligado à criação de uma infra-estrutura aos moldes da cidade que lhes seja capaz de oferecer uma melhor qualidade de vida, mas que isso não represente problemas sociais e ambientais.

Ruralidade e amizade

Os jovens não desejam que a sua localidade se transforme numa cidade nos moldes dos grandes centros urbanos, pois isso ameaçaria a tranquilidade do lugar. A cidade, nesse caso, deve ser evitada naquilo que tem de ruim. Ao mesmo tempo que os jovens do lugar se aproximam dos de fora, também reforçam fronteiras entre os diferentes grupos. Para eles, se São Pedro é bom para o turista e veranista, também deve ser bom para os moradores locais. O discurso ecológico dos que vêm de fora de certa forma contribui para aumentar a autoestima dos moradores. Se as condições de trabalho e lazer são percebidas como um empecilho para eles se manterem na localidade, quando a questão é o espaço físico e afetivo, eles se sentem privilegiados por viverem ali. Alguns jovens trabalham ou estudam no centro do município, mas mesmo representando uma dificuldade diante da distância e do transporte, eles preferem continuar morando na sua localidade, próximos a familiares, parentes e amigos. A família representa apoio, segurança e o espaço onde as relações são consideradas mais verdadeiras. A amizade também aparece como um forte motivo para não sair da localidade. Para os entrevistados, na cidade as amizades não são verdadeiras, as pessoas são amigas por interesse, ninguém é amigo de ninguém, diferente da sua localidade, onde todo mundo conhece todo mundo e as amizades são para sempre. Isso corrobora a visão idílica do turista sobre a localidade.

Vejam a experiência de um jovem de São Pedro que já morou fora da localidade e retornou: DOE, 19 anos, universitário, filho de agricultor e comerciante local, demonstrava dificuldade em se relacionar com os jovens do centro do município de Niterói, onde cursava o pré-vestibular. Já havia passado por outra experiência parecida, inclusive morado fora, em outro município, mais próximo ao Rio de Janeiro. Considerava boa a vida na cidade, mas tinha medo da violência, uma realidade, segundo ele, muito diversa da de São Pedro da Serra. Ele questionava a forma como os jovens ali se relacionavam e afirmava que em São Pedro da Serra era diferente. Tinha a sensação de que estava fora de lugar.

R - Já morei um ano em Niterói para estudar, tentar a faculdade, fiz o pré-vestibular.

E - O que diferencia a sua localidade de outras localidades como Niterói?

R - Niterói? Ah! Sim! Niterói é aquela coisa complicada pra sair. Tem que sair com cuidado. Aqui já não tem isso. Você pode sair e chegar de manhã que tá todo mundo (os pais) tranquilo porque sabe que não tem perigo.

E - Como foi a sua experiência em Niterói?

R - Foi boa. O pessoal (da cidade) fala assim: "Ah! Quem mora no campo quer ir pra cidade". Eu já não penso assim porque fui pra lá, foi bom ter estudado lá, conhecido vários amigos, mas acho que a cidade ..., aqui é mais tranquilo, tem mais coisa assim pra se fazer. O atrativo lá, eu não fui de fazer isso, mas tinha uma menina que morava comigo, mais ou menos da minha idade, o atrativo lá é *shopping*, cinema, você sai, vai a boate, sei lá, acho que você acaba enjoando um pouco: *shopping-cinema-shopping*, fui duas vezes, já estava enjoado. Vai pra um lado e pro outro e não vê nada. Não me liguei muito não.

E - Sua amiga era de um lugar como esse (São Pedro)?

R - Não, ela era da cidade. Ela é característica, o pessoal da cidade gosta disso.

Sua fala expressa a forma como o grupo de jovens de São Pedro da Serra entrevistados na rua se relaciona com o espaço local, as imagens de campo e cidade, bem como o seu relacionamento com os que chegam de fora:

E - Você gosta do lugar onde você mora?

R - Adoro.

E - Por quê?

R - Os atrativos aqui são bons, tem sempre alguma coisa pra fazer, pra animar o dia.

E - O que são os atrativos?

R - É que eu gosto muito de esporte radical: rapel, *motobyke*, escalar montanha. Eu e meu irmão.

E - O que há de bom na sua localidade?

R - Todo mundo conhece todo mundo. Chega um amigo pra conversar.... Acho que é uma característica boa. Ter contato com todo mundo.

E - O que você acha que falta na sua localidade?

R - Tava faltando asfalto mas já estão colocando. Tava faltando telefone, mas já tem. Acho que falta um bom político para resolver os problemas aqui, por exemplo, uma cidade pequena sem saneamento, acho que falta rede de esgoto.

E - Quais são as melhores características do lugar onde você mora?

R - O lugar é tranqüilo, as belezas naturais, a Mata Atlântica.

E - Quando você vai para o centro, o que faz?

R - Vou ao banco, lojas, pagar contas, estudar, fazer depósito, comprar acessórios para a pousada, compras para casa.

E - O que significa a cidade para você?

R - Um local onde todo mundo trabalha, cansativo, onde se localiza tudo que você precisa, não precisa tá saindo muito. Alguns locais são perigosos. Acho que eu tenho uma imagem boa da cidade. Acho que a questão da segurança deixa uma imagem flutuante, você não sabe se boa ou ruim.

E - O que você acha que as pessoas de fora trazem para a sua localidade?

R - Trazem coisas boas como informações para a melhora do lugar. Também trazem coisas ruins como drogas. Aqui ninguém sabia disso até cinco anos atrás. Se falasse maconha, ninguém sabia o que era isso. Aí começou a desenvolver a cidade. Aí começou o pessoal da cidade a querer usar. Isso é uma influência má. Eles fazem também com que as pessoas abram o olho, tipo assim, a questão do esgoto. Eles chamaram a atenção para os problemas do esgoto, que no futuro poderia ser ruim para a cidade. Até no bairro, na cidade onde eles moram já é tudo poluído. Eles trazem idéias boas para cá. A primeira pousada que surgiu aí foi o pessoal

de fora que montou, aí o pessoal da região viu que dava certo, começou a partir por turismo. Meu pai era agricultor e passou para o turismo.

Essa perspectiva também pode ser verificada em Baixada de Salinas. Marcos,² 18 anos, morador local, aponta para diferenças entre seus amigos locais e os da cidade. Nos finais de semana prefere ficar na localidade, na casa dos amigos, tomando banho de cachoeira, mas de vez em quando vai à cidade. Gosta de visitar o *shopping*. Segundo ele, é o que mais atrai os jovens do lugar. Em grupo ou separados, eles vão para a cidade, como nesta fala:

Não gosto da cidade, não. Até mesmo pra lazer, eu não costumo ir à cidade. É porque eu já estou acostumado a freqüentar a cidade e por causa das pessoas também. Acho que tem muito garotinho metido. Gosto mais daqui, me relaciono melhor com as pessoas daqui.

As idas à cidade geralmente estão na resposta à situações de necessidades irremediáveis: “vou mais quando preciso ir ao médico, dentista, comprar roupa, calçado, só mais pra isso”. A cidade é vista como diferente das experiências locais. Os garotos de fora são “metidos” porque só dão valor a “roupas de marca” e acham que podem “ganhar” todas as garotas. Há, nesse sentido, uma disputa entre os garotos pela atenção das moças da cidade. Além disso, na cidade, segundo Raul (16 anos, Baixada de Salinas), há

muita violência, muita droga. Por isso que eu não gosto muito da cidade. Uma vida muito balada. Tem uma coisas de que eu gosto, mas tem coisas chatas”. (...) Eu gosto da vida no campo. A vida no campo tem seus problemas: estradas ruins, o hospital é longe, as vezes você precisa comprar um negócio e é longe da sua casa, mas o lugar é mais tranqüilo.

Por outro lado, ele afirma também que não existem muitas diferenças entre os jovens da sua localidade e os rapazes de fora quando o assunto é comportamento, modos de falar ou coisas do gênero. Quando estão na sede do município, todos parecem possuir o mesmo com-

² Os nomes dos entrevistados que aparecem nesse estudo são fictícios.

portamento social. Mas, percebe que os jovens locais se diferenciam dos que conhece na sede do município quando o assunto é solidariedade, porque no campo as pessoas são mais solidárias e não são *medidas*, como na cidade.

Os pais também sentem essa aproximação entre diferentes juventudes. Marcos (18 anos, Baixada de Salinas) nos informa que sua relação com os pais é muito boa, não vê problemas em se falar de assuntos polêmicos. Às vezes, ocorre algum desentendimento devido às discordâncias em relação às suas práticas quanto ao uso de determinadas roupas e linguagem. Os pais não gostam que ele use certos estilos de roupas porque não tem nada a ver com sua realidade. A mãe, algumas vezes, tenta comprar as roupas que ele deve usar, uma condição que não aceita.

É o que Velho (1987) chama de uma espécie de “metamorfose”. Na cidade, esses jovens aprenderam a mudar de papel de acordo com o contexto. Não é esse aprendizado um esforço deliberado e calculado, mas resultado de interações e experiências inéditas. Compartilham desses espaços na cidade, mas não rejeitam as formas de vida no campo.

No caso da amizade, são as experiências compartilhadas que estabelecem os laços de amizade, algo fundamental na juventude. É um momento onde os jovens começam a se auto-identificarem, criando grupos de convivência. As relações de amizade são partes do processo de socialização dos indivíduos.³

³ A naturalização da amizade como uma preferência individual e, portanto, de cunho pessoal é, como demonstra Rezende, pensamento corrente no pensamento ocidental. Por isso as relações de amizade não foram consideradas tão centrais para a sociedade quanto as relações de parentesco e familiares, mas são fundamentais nos processos de socialização. Por esta razão, a amizade, e podemos estender essa conclusão para os sentimentos e emoções de uma forma geral, foi tratada de forma periférica nos trabalhos clássicos da antropologia. Compreender “a linguagem da amizade poderia lançar luz sobre o modo de construir e reforçar hierarquias sociais” (Rezende, 2002: 17).

O que se denomina amizade é um complexo que envolve um sem-número de emoções e sentimentos em relação ao outro e que o peso dado a cada uma delas varia de acordo não só com a cultura que está envolvida, mas também com o gênero e a classe social dos indivíduos. A confiança, por exemplo, é uma referência de conduta para todos. No entanto, “pessoas dos estratos sociais superiores valorizam a troca mais intimista e afetiva, enquanto os operários valorizavam mais o apoio e a segurança entre os amigos” (Rezende, 2002: 24). É o que também ocorre com os pequenos produtores rurais diante da realidade da produção e reprodução no campo. Suas relações de amizade, familiares e de parentesco se inscreveriam no universo da ajuda mútua, da solidariedade entre aqueles que se vêem diante das forças da natureza e do mercado econômico. “É no meio social que os indivíduos aprendem os significados e repertórios das emoções ao longo de todo o seu processo de socialização” (idem: 170).

São essas experiências de ajuda mútua, vividas no âmbito da pequena agricultura familiar, onde os jovens são socializados, que servem de referências para o estabelecimento de sua identidade local, mas também na construção de seus grupos de amizade. O que podemos notar até aqui é que os jovens das duas localidades procuram se auto-afirmar como iguais e também diferentes a partir das suas relações de amizade, dos valores sociais, afetivos com os da localidade e os de fora. Suas experiências de amizade marcam os diferentes espaços sociais, como escola, igreja, família, vizinhança, e são traduzidas nas suas referências aos jovens da cidade e do campo.

Essa perspectiva se aproxima de Simmel, Weber, Elias e Foucault, que procuram explicitar a emergência de uma subjetividade singular vinculada às mudanças históricas e culturais no mundo ocidental, sem deixar de perceber que, mesmo que o sujeito seja parte de um processo civilizador mais global, mantém alguns princípios e *ethos* particulares da cultura em que está imerso.

Na relação com a cidade, isto é, com uma sociedade vista como altamente hierarquizada, preconceituosa, quando os jovens da cidade se

dirigem aos jovens do campo, através de brincadeiras e piadas jocosas, os jovens de São Pedro e também de Baixada de Salinas revidam com um discurso que valoriza suas relações internas. Para eles, nas localidades rurais em que vivem há uma maior igualdade e respeito entre as pessoas, ao contrário das imagens que eles constroem para a vida urbana, marcadas por relações instrumentais, involuntárias, indiferentes, altamente hierarquizadas, não verdadeiras. Valorizar suas amizades locais, ao mesmo tempo que impõe ao outro, o urbano, uma imagem de degradação social, funcionaria como uma expressão de alteridade. Assim, consideram suas relações de amizade no local verdadeiras porque são pessoais, voluntárias e não instrumentais.

Por outro lado, como nos coloca Giddens (1993), na sociedade contemporânea, diante das mudanças que vêm se processando na ordem da intimidade, os indivíduos procuram estabelecer um bom relacionamento, através de um idéia de democratização das emoções. Há o interesse mútuo pela satisfação pessoal, uma relação onde não haja hierarquia entre os envolvidos. Algo que não parece diferenciar os jovens do campo ou da cidade naquilo que consideram como “amizade verdadeira” um caso, e “um bom relacionamento”, em outro.

O próprio autor traduz, assim, esse tipo de relacionamento:

um bom relacionamento é o que se estabelece entre iguais, em que cada parte tem iguais direitos e obrigações. Num relacionamento assim, cada pessoa tem respeito pela outra e deseja o melhor para ela. O relacionamento puro é baseado na comunidade, de tal modo que compreender o ponto de vista da outra pessoa é essencial. A conversa, ou o diálogo, é o que basicamente faz o relacionamento funcionar. O relacionamento funciona melhor se as pessoas não escondem muita coisa umas das outras – é preciso haver confiança mútua. E a confiança tem de ser trabalhada; não pode ser simplesmente pressuposta. Finalmente, um bom relacionamento é aquele isento de poder arbitrário, coerção e violência (Giddens, 1993: 71).

Essa perspectiva de amizade verdadeira aliada à idéia de comunidade é o que de certa forma alimenta as visões dos jovens entrevistados sobre a diferenciação vivida entre campo e cidade. Nesse sentido, São

Pedro da Serra e Baixada de Salinas representariam comunidades no pensamento desses jovens. A cidade passou a ser vista como espaço da heterogeneidade, do individualismo, das relações fragmentadas e hierarquizadas, de uma intensa relação entre subjetividades que buscam diferentes interesses, como demonstrou Simmel (1971), movidas por uma rede densa de códigos sociais (Berger e Luckmann, 1973) que somente aqueles que fazem parte desse universo são capazes de decifrá-la; a imagem do localismo é o da conservação dos valores que se perdem na cidade, representa a própria imagem da comunidade. O rural é o depositário dos valores coletivos, das verdadeiras relações familiares, de amizade e parentesco, algo que o distancia da cidade. Enquanto a imagem da cidade é a da fragmentação, o rural se definiria, além das atividades agrícolas, pelo coletivismo, integração, onde as relações são mais solidárias, fraternas e próximas. Portanto, a diferenciação se mantém entre campo e cidade porque está na ordem da visão e divisão do mundo na perspectiva de quem as vive, ajudando-os a se situar no mundo. Simbolicamente, é dizer que: “no campo, todos são amigos e solidários. Na cidade, não sabemos quem é amigo e todos são individualistas”.

Os jovens das localidades enfatizam também outras imagens que marcam as diferenças entre os espaços: o problema das drogas, da violência e da poluição urbana. Encaram a cidade como lugar de estresse, onde as pessoas vivem mal, se alimentam de forma errada, apresentam problemas de saúde e onde os jovens estão constantemente envolvidos em confusões, geralmente os rapazes. Esta visão é confirmada pelo seu contato direto com o centro do município, pela mídia, mas principalmente pela sua experiência com os turistas no seu local, no caso de São Pedro. Segundo os entrevistados, a localidade passa por transformações onde turistas e veranistas são os principais protagonistas. Essas transformações vão em dois sentidos, como demonstram estes depoimentos:

Os de fora trazem boas idéias. Numa determinada situação, isso é bom. Isso é muito relativo também. O pessoal de Friburgo tá vindo muito por cá. (...). Trazem coisas ruins também. Trazem as dro-

drogas. A droga chegou com o pessoal de fora (entrevistado 61. WL, 21 anos, masc., auxiliar de serviços gerais);

O pessoal que vem de fora é briguento, gosta de tumulto e isso destrói o lugar (entrevistado, 60 anos. FHSM., 25 anos, masc., auxiliar de serviços gerais).

Portanto, as imagens que informam ao morador quem é de fora ou da cidade estão repletas de ambigüidades movidas pelas experiências locais, mas também pelas imagens criadas fora da localidade, no caso, pela mídia e pela literatura. Ao mesmo tempo em que se valorizam a existência de qualidades diferentes, são elas que informam qual o lugar de moradores e turistas dentro da localidade, e seus possíveis relacionamentos. Independentemente do turista causar algum transtorno à localidade, parte-se do princípio que ele representa uma ameaça às formas de vida locais. Há nesse universo simbólico a coexistência de diferentes imagens, todas relacionais.

Numa pesquisa anterior realizada numa localidade em Lumiar (Carneiro, 1998b), os jovens apresentam ainda outras imagens dos de fora, com a intenção de diferenciá-los internamente. Expressões como “mãos grossas”, “fofoqueiros”, “simplicidade”, “trabalhadores”, “respeito”, “não gostam de bagunça”, “amizade”, entre outras, servem para informar as possíveis configurações na relação com o outro, o *outsider*, que usa “gíria”, tem “tatuagem”, é “liberal”, “legal”, “bagunceiro”, “estuda”, tem “modo diferente de se vestir” etc. Nesse caso, as representações de campo e cidade aparecem sob a forma de uma configuração social (Elias, 2000), isto é, fazem parte de um campo relacional (Bourdieu, 1996) onde as identificações dos sujeitos seguem a lógica de pertencerem ou não à localidade, colocando em discussão as diferenças culturais. Nesse campo relacional, os estabelecidos, os jovens, lutam para manter seus símbolos de distinção.

De qualquer forma, São Pedro é vista como uma “localidade rural”, mas também passa a receber o *status* de “cidade”. Isso aparece geralmente nas falas dos jovens quando eles demarcam o movimento da chegada do turista. Assim, tem-se a sensação de uma maior pro-

ximidade entre campo-cidade. Se, por um lado, a presença do turista torna ainda difícil para os jovens definir São Pedro da Serra como uma localidade rural, por outro, não há dificuldades em se identificar o turista.

As práticas e representações em Baixada de Salinas

O mesmo pode ser dito de Baixada de Salinas. Ali, as atividades agrícolas ajudam a demarcar os espaços e os tempos. A vida se inscreve no tempo da agricultura, marcando lugares, hierarquizando relações, estabelecendo prioridades e influenciando o comportamento dos seus habitantes. Por outro lado, o discurso sobre a idéia de campo também se insere na perspectiva do olhar da cidade, como foi verificado em São Pedro da Serra.

Em Baixada de Salinas, a época de plantio e colheita está ligada ao seu espaço, onde terras próprias para o plantio de determinadas espécies, próximas a locais de escoamento, entre outros, perfazem a organização das atividades econômicas. São esses tempo e espaço que dominam o cenário local, as relações sociais, políticas e econômicas. A eles se juntam o tempo e o espaço das escolas que instruem os alunos para as atividades agrícolas, o tempo e os lugares próprios ao lazer e à manifestação religiosa cada vez mais dominada pelo pentecostalismo que vem aumentando o número de templos na região. O turismo participa dessa dinâmica; entretanto, ele é pouco significativo para a construção e reconstrução das identidades que aí estão contidas. A ruralidade de Salinas, portanto, se traduz nessa dinâmica que não se limita ao tempo e ao espaço da agricultura, mas que tem nela sua referência principal para a organização da vida dos seus moradores.

Para os jovens dessa localidade, o campo, além de ser mais “tranquilo”, “não tem estresse”, “não tem barulho”, “não tem poluição”, oferece “mais liberdade” no que diz respeito a circular sem os riscos da

violência. Eles não deixam de enfatizar as “dificuldades para estudar” (a distância da escola e do trabalho), “cuidar da saúde”, a falta de mais “lugares de lazer”. Contudo, diante do que consideram coisas ruins, o campo representa uma vida muito melhor do que a cidade.

Eu gosto de trabalhar no campo. É um lugar que você não é tão preso. Você fica nele e não é aquela cobrança que você tem que fazer isso aqui até tal hora senão não vai dar tempo. Não deu tempo de fazer hoje, você faz amanhã, não tem uma data assim marcada” (rapaz, 18 anos, estudante).

Neste caso relatado, o processo de produção ou a lógica do trabalho agrícola vai ao encontro dos interesses dos jovens, já que muitos estudam e ajudam os pais. A cobrança de responsabilidade é amolecida pelas imposições da natureza: o tempo de plantar e colher é uma decisão da natureza. Falam da “liberdade de circular e conviver com os amigos”. Mas, por outro lado, são obrigados a trabalhar nas férias e nos finais de semana, quando necessário.

Os jovens enfatizam ainda o convívio com a natureza (árvores, frutos, água limpa etc.). Esse contato também representa uma vida saudável, e as amizades parecem fazer parte desse cenário no sentido de que elas são “verdadeiras”, o que não pode se dizer da cidade: “O campo é melhor, pelas pessoas serem mais simples, são mais unidas, você pode contar com as pessoas” (moça, 16 anos, estudante). Na cidade, tudo se apresenta como artificial e sem lógica para esses jovens que desde cedo aprendem a dar valor ao trabalho e às amizades locais:

Quem mora na cidade, aquele *habitat* é o dela, e isso é normal. Até esse negócio de morte, de droga, para eles são fatores que fazem parte do cotidiano. Para nós é estranho porque a gente não convive com isso. Pra cidade é fora dos padrões que eu fui criado (rapaz, 17 anos, estudante).

Aqui, o jovem afirma a existência de padrões de criação e vivências diferenciados, o que os transformaria em pessoas diferentes das da cidade. Um outro valor que eles atribuem ao campo no mesmo senti-

do é a possibilidade de produzir alimentos mais saudáveis, o que revela também uma responsabilidade social para com os outros.

Aqui é muito bom. A gente pode plantar o que vai comer. A gente não precisa ficar dependendo dos outros. Todo mundo tem uma horta. O que a gente vende pros outros tem agrotóxico. O que a gente come não tem agrotóxico. A gente está construindo uma qualidade de vida pra gente (moça, 15 anos, estudante).

As mudanças que vêm se operando no campo pela intensificação das relações com outros espaços, como aqueles que costumeiramente são identificados como urbanos, demonstram ao mesmo tempo a afirmação de uma identidade diferenciada e a assimilação do diferente. Há nessa relação entre distintas realidades um complexo processo de transformação da identidade local que não significa, *a priori*, o fim da identificação com as formas de ser e viver o meio rural. Poderíamos falar de ruralidades construídas a partir de determinadas conjunturas, mas com temporalidades suficientes para se tornarem *habitus*, não negando desta forma a capacidade que as novidades perpetradas pela vida urbano-industrial têm de influenciar o comportamento das sociedades cuja base de sustentação está na agricultura ou na distância dos grandes centros. Mas também não se pode falar de um “rural” fixo e homogêneo. O sentido de ruralidade está na capacidade que as localidades possuem de se relacionar com as novidades sem perder de vista as referências que historicamente lhes dão sentido existencial.

Várias transformações vão em diferentes caminhos. As medidas que vêm modernizando a agricultura, se de certa maneira são produtos de uma visão urbano-industrial sobre o campo, suas interações com a população local conformam especificidades. Assim, não se pode falar de um processo de urbanização e homogeneização do campo porque diante de cada realidade local o rural assume formas diferentes. Como ressalta Carneiro (1998b), as medidas modernizadoras da agricultura não atingem com a mesma intensidade e proporções as diferentes categorias de produtores. Nesse caso, devemos evitar falar de ru-

ralidades no geral. As ruralidades se expressam de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos.

A ampliação do campo de possibilidades com a intensificação das atividades não agrícolas dentro e fora das localidades analisadas demonstra uma maior aproximação e integração de sistemas culturais distintos. É essa ampliação do campo de possibilidades que torna a juventude um grupo fundamental para observar os rumos que tomarão a construção da identidade local, já que as novas atividades trazem embutidos novos valores que ajudam a ressignificar o lugar e o sentido de seu pertencimento.

Como discuti anteriormente, observa-se que, em São Pedro da Serra e Baixada de Salinas, a busca dos turistas por uma aproximação da natureza, negando o ritmo acelerado de industrialização, a degradação da vida urbano-industrial, proporciona também aos moradores dos espaços rurais uma revalorização do seu lugar de origem. Se para o neo-rural essas localidades se tornaram espaços alternativos de vida, para os moradores do campo elas trazem em si as ambigüidades de serem aos mesmo tempo um lugar privilegiado para se morar, mas que apresentam dificuldades para sua reprodução social. Contudo, é importante observar que as ambigüidades que aparecem nos discursos dos jovens também aparecem nos comportamentos dos que vêm de fora, pois a “cidade” é ao mesmo tempo local de melhores oportunidades de trabalho, estudo e lazer, mas que apresenta a degradação da vida em virtude da individualidade e da violência.

Assim, ao mesmo tempo que o campo se transforma objetivamente através das relações econômicas, também suas representações sofrem modificações para atender aos interesses do olhar do turista. Está implícita, nessa afirmação, uma crítica à visão dualista que opõe o rural como lugar de atraso ao urbano como sinônimo de moderno. A tese sobre o fim do rural vê o avanço da urbanização sobre as áreas rurais, negando as diferenças e descontinuidades entre esses dois espaços. Parte do princípio de que houve uma assimilação pela difusão da cultura, dos produtos, das práticas urbanas e vê na modernização

o motor de homogeneização do espaço. Segundo essa perspectiva, é impossível diferenciar as práticas dos conjuntos sociais rurais das práticas dos conjuntos sociais urbanos

Se a cidade não urbaniza o campo no sentido restrito da palavra, por outro lado, faz sentir o discurso hegemônico da historicidade social do rural brasileiro. É assim que se mantém a dualidade já não ancorada nas práticas diretamente vividas por esses jovens, mas como herança das relações históricas vividas entre o campo e a cidade. Esta é a tese de Moreira (2002), ao argumentar sobre a necessidade de considerar as especificidades dos países periféricos: “o surgimento de um novo mundo rural e de novas ruralidades no Brasil carrega a reprodução das desigualdades históricas e pode não representar a cidadania, a democracia e o bem-estar vivenciados nos países avançados.

Segundo Moreira (2002), diferentemente dos discursos que tendem a apontar semelhanças entre os processos de transformação dos campos dos países de economia avançada e do Brasil, ainda se nota a permanência de elementos incivilizados na nossa estrutura agrária mesmo com o desenvolvimento do capitalismo. As heranças do poder oligárquico dos coronéis, fruto das relações entre a casa-grande e a senzala (Hollanda, 1984), só simbolicamente foram destruídas. Elas ajudaram a definir nossas imagens de nós mesmos e daqueles com quem o Brasil comercializava.

O autor comenta ainda que, nesse caso, ao mesmo tempo em que identificaríamos novos sentidos para as definições de campo e cidade, manteríamos também antigas imagens que possuem ressonância na realidade observada. Por exemplo, aquelas imagens que informam o agronegócio desenvolvido e o rural periférico, que traz no seu interior as desigualdades econômicas que apontam os aspectos “selvagens e incivilizados”, traduzidos em nossos níveis de pobreza, saúde, escolaridade e qualidade de vida, bem como nas atuais demandas por reforma agrária (Moreira, 2002).

Essas heranças de uma ruralidade marcada pelo clientelismo, pelas trocas de favor (Da Matta, 1986; Schwarz, 1977) e pela desvalorização do trabalho mecânico alimentariam nossos comportamentos e nossas instituições tradicionais, como a política e a educação. Os jovens da Baixada de Salinas, quando colocam a intenção de trabalharem com a agricultura, mas de forma diferente de seus pais, fazem emergir o discurso hegemônico de que o trabalho braçal é uma atividade sem valor.

Uma outra questão que emerge dessa discussão sobre ruralidades, e que tem a ver com a dimensão cultural, são os processos de assimilação e resistência. Moreira (2002) ressalta que o processo de globalização é um diluidor das fronteiras das dimensões política, econômica, social e cultural, onde em cada uma delas, e na relação entre elas, conformam-se campos complexos de conflitos, que desautorizam análises simplistas e dos quais deduzem diferentes globalizações, de diversas ordens. As relações sociais pressionam as fronteiras da tradição, do nacional, da linguagem e da ideologia. Assim, nas rupturas dessas fronteiras as relações sociais se globalizam e adquirem um espaço de atuação globalizado. Paradoxalmente, ganham forma identidades locais, regionais e nacionais, porém, com demarcações diferenciadas das antigas experiências, fazendo emergir novos localismos (Santos, 2002).

Nessa perspectiva, as novas ruralidades brasileiras contêm as contradições históricas do desenvolvimento da sociedade brasileira. Elas fazem emergir os discursos de poder que atribuem diferentes significados às imagens de campo e cidade. O globalizado localizado é a expressão de resistência e da assimilação, onde ocorrem tensões entre o hegemônico e o contra-hegemônico (Moreira, 2002). Desta forma, haveria um movimento de resistência, mesmo que inconsciente, pela manutenção das formas culturais locais, ao mesmo tempo que se vêem necessariamente inseridos numa sociedade mais ampla. São essas imagens de assimilação e resistência que permeiam as imagens e os

relacionamentos dos jovens com os espaços sociais considerados urbanos, como, por exemplo, as relações de amizades.

Portanto, o rural como espaço socioeconômico, político e cultural traz as marcas das relações entre campo e cidade, as imagens construídas historicamente nas relações de poder entre os espaços. Não se pode falar de rural ou de suas representações sem remetê-los ao universo de referência. São múltiplas as experiências que as populações rurais vêm passando no processo de globalização-localização. Elas trazem novos sentidos para antigos papéis como os de gênero, onde as moças já não aceitam seguir o destino de suas mães e avós. Querem trabalhar fora, decidir quando ter filhos, se irão casar ou não e onde irão morar. Como informa uma estudante de Salinas de 18 anos, “as moças aqui já não pensam em casar tão cedo como era de costume. Agora, elas só falam em fazer faculdade e trabalhar fora”. Mas isso não representa uma possibilidade para todas as moças. Muitas terão que negociar com os pais e irmãos o acesso a tais direitos, pois a expectativa para a realização dos antigos papéis de gênero estarão sempre presente nesses momentos.

Nas localidades pesquisadas, as imagens de campo e cidade que eles utilizam para definir sua relação com os de fora trazem diferentes significados para a vida dos sujeitos. Não podem ser dissociadas porque são partes da mesma realidade, mas estão sujeitas a reelaborações e ressemantizações de diversas ordens. A localidade passa então a ser uma categoria de análise importante para o desvendamento das mudanças e continuidades das práticas e representações em torno do sentido de rural ou ruralidades.

É o que informa De Paula (1999), que ao observar o *country*, o novo rural da elite brasileira, mostra como o comportamento da elite rural do município de Presidente Prudente está inserido no mundo urbano. Faz parte de um processo de reelaboração simbólica que promove a manutenção da distinção entre aqueles que possuem os emblemas e “os outros” da sociedade moderna. Para ser *country* é preciso obedecer à exigência de capital material e à exigência de iniciação nas re-

gras e quesitos deste universo. O *country* é, portanto, um símbolo de alteridade da elite rural. Assim como a sociedade de corte dos séculos XVI ao XVIII, ela deve ser seguida por todos. Uma visão de mundo dominante a ser copiada.

A relação entre localidade e ruralidade mostra como os elementos da cultura local são capazes de se reestruturarem a partir da incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. A ruralidade é tida como um processo dinâmico (Carneiro, 1998a, Wanderley e Lourenço, 1995, Sarraceno, 1996 e Marsden, 1992). Para Durán (1998), a “ruralidade” é uma construção social contextualizada em coordenadas temporais ou espaciais específicas. Como qualquer outra construção social, a “ruralidade” tem uma natureza reflexiva, isto é, é o resultado de ações (ou está condicionada por elas) de sujeitos humanos que têm a capacidade de interiorizar, debater ou refletir acerca das circunstâncias e requerimentos socioculturais em cada situação espaço-temporal que se apresentam. Durán define a “natureza reflexiva da ruralidade” como a capacidade dela adotar os influxos das ações socioeconômicas endógenas ou exógenas que interferem sobre ela e para adaptar-se aos efeitos dessas ações. Portanto, como processo constante de reestruturação cultural, não significa uma aculturação, mas uma ressemantização da cultura local a partir da natureza reflexiva da ruralidade.

Cada localidade – São Pedro da Serra e Baixada de Salinas – contém uma multiplicidade de “ruralidades” distintas. As próprias experiências individuais e coletivas são vistas como resultados dessas ruralidades. A idéia de rural aqui não se confunde com atividades agrícolas ou tem nelas sua única forma de expressividade, apesar da análise comparada demonstrar diferenças entre as localidades. O rural vivido e interpretado pelos seus jovens está marcado por um passado histórico, por um discurso que chega da cidade por vários canais, entre eles a mídia e os turistas. Mas a visão desses jovens também é resultado de suas experiências vividas no município e no convívio

com o turista, onde seus comportamentos os aproximam daqueles que consideram diferentes.

Nesse sentido, podemos falar de “ruralidades” como expressão de comportamentos culturais que estão ancorados na diversidade das experiências entre o local e o global. Mantém parte de uma identidade construída historicamente para o rural brasileiro, mas está em constante movimento de ressignificação diante das mudanças mais amplas do mundo ao redor. Ruralidade, nesse caso, é uma expressão dos movimentos da cultura e não apenas de uma definição espacial. As localidades são vividas e têm significado para os que aí habitam, porém suas fronteiras são fluidas. Não há limites físicos, territoriais, para as relações de qualquer tipo, principalmente as socioculturais. Na verdade, torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e as pequenas localidades rurais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais (Carneiro, 1998b).

Referências bibliográficas

- Berger, Peter; Luckmann, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- Bourdieu, P. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação (trad. M. Corrêa). São Paulo: Papyrus, 1996.
- Carneiro, M. J. Esposa de agricultor na França. *Revista Estudos Feministas*, vol.4, n.2, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1996a.
- _____. Pluriatividade no campo: o caso francês. *RBCS/Anpocs*, n. 32, ano 11, out., 1996b.
- _____. Ruralidade: novas identidades em construção. *Anais da XXXV Reunião Anual da Sober*, Natal, 1997.
- _____. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n.11, 1998a.
- _____. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: Silva, F. C. T. da; Santos, R. e Costa, L. F. C. (org.). *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998b, p. 94-118.
- Da Matta, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

- De Paula, Silvana G. Sociabilidade country: o campo na cidade, In: Da Silva, F. C. T. , Santos, R. e Costa, L. F. C. (orgs.). *Mundo rural e política*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- Durán, Francisco E. Viejas y nuevas imágenes sociales de ruralidad. *Estudios Sociedade e Agricultura*, n. 11, out., 1998.
- Elias, N., Scotson, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (Trad. Vera Ribeiro, Pedro Süssekind e Federico Neiburg). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- Giddens, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- Hollanda, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- Moreira, Roberto J. Pensamento científico, cultura e ECO-92: alguns significados da questão ambiental. *Reforma Agrária: Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária*, nº 1, v. 23, jan/abr, 1993.
- _____. Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação. *Ruralidades*, n. 1, set., Rio de Janeiro: UFRRJ, 2002.
- Marsden, T. Exploring a rural sociology for the fordist transition. Incorporating Social Relations into Economic Restructuring. *Sociology Ruralis*, 1992, vol. XXXII (2/3), p. 209-230.
- Rezende, Claudia Barcellos. *Os significados da amizade*. Duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- Santos, Boaventura de S. Os processos de globalização. In: Santos, Boaventura de S. (org.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- Sarraceno, E. *O conceito de ruralidade: problemas de definição em escala europeia*. 1996, mimeo.
- Schwarz, Roberto. As idéias fora de Lugar. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 1977.
- Simmel, G. How is Society Possible? In: *Individuality and Social Forms*. Chicago, Un. Chicago Press, 1971.
- Teixeira, Vanessa L. *Pluriatividade e agricultura familiar na região serrana do estado do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado apresentada na UFRRJ/CPDA, 1998.
- Velho, Gilberto. *Individualismo e cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- Wanderley, M. N. B.; Lourenço, F. A. O agricultor familiar e a sociabilidade no espaço local. Notas sobre um estudo comparativo. In.: Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura. Associação Pipsa. *Anais do XVII Encontro Nacional*. v. 1, Prog. Pós-grad. Sociologia / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRS. Porto Alegre, 1995.

PEREIRA, Jorge Luiz de Goes. Entre campo e cidade: amizade e ruralidade segundo jovens de Nova Friburgo. *Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro 2004, vol. 12 no. 2, p. 322-352. ISSN 1413-0580.

Resumo: Este artigo analisa as práticas e representações dos jovens rurais em torno da questão da amizade, o que ela representa em cada localidade para os diferentes grupos de jovens entrevistados. Através de questionários, entrevistas e observações realizadas entre 1999 e 2003 com 132 jovens (84 jovens de São Pedro da Serra e 46 jovens de Baixada de Salinas), procuro descrever a relação entre campo e cidade que vem se desenvolvendo nas localidades de Baixada de Salinas e São Pedro da Serra, Nova Friburgo/RJ, a partir das atividades econômicas e dos espaços de lazer.

Palavras-chave: juventude; ruralidade e amizade; São Pedro da Serra, RJ; Baixada de Salinas, RJ.

Abstract: (Between Countryside and Town:friendship and rurality for young people in Nova Friburgo). This paper analyses the practices and representations of rural young people on the issue of friendship and what this represents for each group of young people interviewed in each place. Through questionnaires, interviews and observations made between 1999 and 2003 with 132 young people (84 of São Pedro da Serra and 46 of Baixada de Salinas), we attempt to capture the relationship between rural and urban, which is emerging in Baixada de Salinas and São Pedro da Serra, Nova Friburgo/RJ, in terms of economic activities and leisure spaces.

Key words: youth; rurality and friendship; São Pedro da Serra, Brazil; Baixada de Salinas, Brazil.